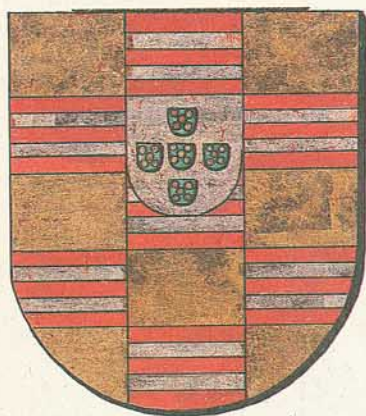




FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA

APRESENTAÇÃO

PÚBLICA

DA

FUNDAÇÃO

VASCO

DA

GAMA

EM

PEDRÓGÃO

GRANDE

No dia 8 de Julho transacto, quando se comemoravam 496 anos da partida das naus de Vasco da Gama à descoberta do caminho marítimo para a Índia, instituiu-se uma Fundação com o nome deste navegador. O palco deste evento não foi, contra o que é habitual, nenhuma das grandes cidades de Lisboa ou Porto, mas Pedrógão Grande, uma vila milenar dos primórdios da nacionalidade, plantada à beira do Rio Zêzere e da Barragem do Cabril, e situada sensivelmente no centro do país. Com esta escolha pretenderam os promotores traduzir a necessidade de obter a convergência de todos os portugueses para uma iniciativa genuinamente nacional e que colhe o primeiro impulso exclusivamente na sociedade civil.

Cientes de que o presente não existe, sendo mera abstracção - porque ninguém detém o instante -, e de que o que se vive é já o futuro e o passado é o que se recorda, os animadores da FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA visam a revivência das páginas gloriosas dos nossos antepassados, lançando as sementes que despertem na juventude o modelo de heroísmo que tornou possível a gesta de 500.

A celebração dos quinhentos anos dessa nossa gesta histórica, constituirá seguramente um privilégio único para quem dela possa participar.

Foram numerosas as personalidades ilustres que desde logo se associaram a este projecto, figurando entre os membros fundadores.

As cerimónias de "apresentação" da FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA foram iniciadas com uma missa solene na Igreja Matriz de Pedrógão Grande, presidida pelo Monsenhor Dr. Leal Pedrosa, Vigário-Geral da Diocese de Coimbra (cuja homilia também inserimos neste suplemento), auxiliado pelo pároco da vila, padre Carlos Alberto, a qual foi enriquecida com a participação do Coral do Deus Meni-

Continua na página seguinte

Nº 1

93.JULHO.25

O Caminheiro

UM APELO
ÀS ESCOLAS DE TODO O PAÍS
E EM ESPECIAL AOS PROFESSORES DE HISTÓRIA

A NOVA VAGA DA HISTÓRIA

Como noticiámos na nossa anterior edição, a Fundação Vasco da Gama propõe-se, entre outros objectivos, promover a construção de réplicas das naus daquele navegador e, com elas, sulcar de novo os oceanos rumo à Índia, primeiro, e ao Brasil, depois. A partida ocorrerá no dia 8 de Julho de 1997, isto é, quinhentos anos depois de Vasco da Gama ter iniciado a sua primeira viagem àquele país oriental. Espera-se observar o mesmo tempo de percurso e cumprir as mesmas escalas. Mas desta feita, em lugar de apenas marinheiros, a bordo irão também crianças, sendo substituídas em cada escala.

Este é um projecto grandioso e viável, porque entre os promotores contam-se as entidades ligadas à caravela "Boa Esperança" que em 1987 reconstituiu a viagem de Bartolomeu Dias, e nomeadamente a APORVELA o o que constitui uma garantia de êxito.

E pensa-se que esta é uma forma digna e viva de participar nas comemorações dos descobrimentos, afastando-se assim as visões contemplativas da nossa História e a fossilização do heroísmo dos nossos antepassados, ao mesmo tempo que se dá aos portugueses de agora e, em especial, aos nossos jovens, a exacta dimensão de Portugal no Mundo, aticando esse imperativo de, neste ou naquele domínio, reafirmar-mos as nossas capacidades e o nosso valor modelar como povo e como Nação.

De imediato se associam a este escopo as

escolas e os professores de todo o país, o esteio da educação dos nossos jovens, a matriz do gosto e dos valores que os norteiam vida fora. Importa assim ganhar o vosso contributo como garantia suplementar do êxito do projecto e da mais densa envolvimento nas comemorações. Acreditamos que também resultará alguma vantagem para o ensino, conferindo-se nesta matéria alguma eficácia ao método de aprendizagem, porque se ligará a processos vivos, visíveis e palpáveis.

Em Pedrógão Grande, a primeira experiência feita foi encorajadora, visto que as crianças e os professores se multiplicaram em iniciativas, desde desenhos, trabalhos de colagem, composições, concursos, tudo revelando alguma pesquisa e incursão histórica. E este aspecto é particularmente importante, se se tiver em conta a proposta da Dra. Cândida Hespanha (leiam o seu texto, nesta página), no sentido de se reescrever a História, a História total, adoptar uma nova postura, uma nova visão, uma investigação dos vestígios locais por parte de cada comunidade escolar - criando-se assim a nova vaga da História.

Neste jornal passámos a inserir o suplemento "O Caminheiro" que dará conta das actividades da Fundação e cujas colunas estão abertas à colaboração de todos, qualquer que seja.

Apelamos assim à vossa adesão a este projecto, colaborando, dando atenção e divulgando o teor de "O Caminheiro". Vamos sentir a História.

HPT

(RE)DESCOBRIR O MAR

Por Dr.ª Cândida Hespanha

A História dos Homens não pode, nem deve ser, uma "cristalização" do passado. O tempo e o espaço que se costuma designar por "Época dos Descobrimientos Portugueses no Mundo", só alcançará um significado profundo, quando uma nova heurística e hermenêutica, uma "outra" procura e uma "outra" análise forem feitas. E com uma "outra" intencionalidade.

Não é suficiente conhecer, embora importe, que

tipo de barcos ou de velame, que navegação, que navegadores, "descobridores" - Gil Eanes, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral - e que mandantes - Infante D. Henrique, D. João I, D. João II, D. Manuel I ou Afonso de Albuquerque - que rumos e que espaços, que noções ou figurações míticas sobre esses espaços. É preciso "mergulhar" no quotidiano dessa época, nos esquemas de mentalidades de to-

dos, mesmo dos que não mereceram o epíteto de heróis ou de mandantes, nos que não figuram no panteão, nas crónicas encomendadas pelos monarcas, isto é, na História oficial - saber onde estavam e quem eram todos os "outros", que projectos tinham, se conseguiram ou não realizá-los. Conhecer todas as potencialidades dos habitantes de Portugal, qualquer que fosse a sua etnia e religião. Onde

Continua na pag. IV

Continuação da pág. I

Apresentação pública da FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA

no, de Figueiró dos Vinhos, dirigido pela Dra. Maria da Conceição Nunes.

Seguiu-se, no átrio lateral daquela Igreja, a cerimónia institucional, com uma alocução de boas vindas proferida pelo Presidente da Câmara de Pedrógão Grande, Manuel Henriques Coelho, que precedeu a alocução do Almirante Sousa Leitão, Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, entidade que foi responsável no século passado pelas celebrações do 4º centenário da viagem de Vasco da Gama à Índia. Ambos os discursos vêm igualmente reproduzidos na íntegra, neste suplemento.

A moldura humana que rodeou o adro da igreja, resistindo à canícula da tarde, pôde assistir à primeira assembleia de fundadores, presidida pelo Eng. Paulo Vallada (ex-Presidente da Câmara do Porto), e que contou com a presença e a intervenção da Dra. Zulmira Silva, a Notária e Conservadora de Pedrógão Grande, recentemente empossada, que elaborou a acta fundacional.

Após a formalidade da assinatura da acta por parte dos membros fundadores (entre os quais figuram os nossos Director e Director-Adjunto), e quebrando o tom sério das alocuções anteriores, a pequena Rita leu o seu discurso leve e divertido, noutra local transcrita.

A apresentação do programa de actividades da Fundação Vasco da Gama foi feita pelo Eng. Gonçalves Viana.

Dando o mote à necessidade de participação popular generalizada para concretização de todo o projecto, seguiu-se um arraial no Largo da Igreja, muito concorrido.

Uma personalidade que tem operado na semi-penumbra, mas que se tem dividido por múltiplas funções e iniciativas, sempre com o mesmo entusiasmo e determinação rumo ao êxito do projecto,



sem dúvida o Eng. José Luís Pereira Gonçalves, que merece em particular destaque a quem o Presidente da Câmara de Pedrógão Grande dirigiu justamente uma palavra de apreço.

HPT

DISCURSO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PEDRÓGÃO GRANDE

MANUEL HENRIQUES COELHO

Saúdo V. Exas. em nome da Câmara Municipal de Pedrógão Grande, a que tenho a honra de presidir, e do laborioso e hospitaleiro povo deste concelho, que me orgulho de representar, cumprindo-me apresentar a V. Exas. os mais sinceros cumprimentos de boas vindas e expressar a nossa satisfação pela presença de V. Exas. na nossa terra, fazendo votos sinceros para que se sintam bem entre nós.

Sendo o motivo porque aqui nos encontramos, a apresentação da Fundação Vasco da Gama não me vou a ele referir em profundidade, pois os oradores que me seguem fá-lo-ão com mais eloquência e competência.

Não posso, contudo, deixar de lhe fazer algumas referências, nomeadamente ao processo.

Não se trata duma iniciativa da Câmara Municipal de Pedrógão Grande.

Tal como um punhado de homens valentes e aventureiros, comandados pelo Capitão Vasco da Gama, partiu de Lisboa em 8 de Julho de 1497 rumo à Índia, também um punhado de homens e identidades quis preparar e comemorar os 500 anos de tão importante efeméride.

Surge a iniciativa da criação da Fundação Vasco da Gama, que imediatamente teve o meu apoio e da minha Câmara Municipal.

A escolha de Pedrógão Grande para sede da Fundação, o que muito nos honra, e não alguma das grandes cidades portuguesas reforça o carácter descentralizado e nacional desta iniciativa.

Com a Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, o Mundo ficou simultaneamente maior, porque se alargaram os horizontes e mais pequeno, porque nesse momento foi dado o maior passo da humanidade a caminho da globalidade, só igualado pelo actual desenvolvimento das comunicações que durante este século se tem vindo a processar.

Mas atenção não se fique com a ideia que a armada que zarpou de Lisboa, rumo a Oriente, foi fruto de alguma acção improvisada.

Para trás de tão memorável data estão mais de 300 anos dum povo em que se quis que ele tivesse uma identidade e uma independência próprias, que essa identidade fosse conseguida através do trabalho inteligente e profícuo, englobando o desenvolvimento científico, tecnológico e económico, e por último, que esse povo era nesse tempo profundamente europeu, e, como tal foi a ponta de lança da Europa para quebrar as barreiras do isolamento em que esta se encontrava e iniciar assim a Era Moderna.

Numa época como a actual em que tão esquecidas tem estado as bases da nossa identidade, e em que confusões perigosas, como regionalismos irrealistas, e erros, por vezes graves, a põe em perigo é mais do que nunca essencial chamar a atenção de todos os portugueses, em particular dos mais novos, porque deles e o futuro, para a necessidade permanente

de abandonar a postura contemplativa e saudosista e substituí-la por comportamentos activos, aproveitando os ensinamentos que a História nos dá quando a lemos correctamente.

E indispensável e importante que comecemos a dar mais valor ao trabalho, desde o mais humilde ao mais intelectual, porque só o conjunto de todos os tipos de trabalho produz verdadeira riqueza material e espiritual, pois, aquele sem esta, não é mais, que novo riquismo e imediatismo estéril.

Como corolário deste primeiro passo, teremos o desenvolvimento das actividades científicas e tecnológicas,

apoiadas em sistemas educacionais fortemente alicerçados em trabalhos manuais e experimentais e no desenvolvimento das capacidades de perseverança e de estudo.

A seguir desenvolveremos a nossa estrutura empresarial de forma a que, em conjunto com um Estado sem empresas suas a concorrer com as privadas possamos ter um forte e verdadeiro binário de desenvolvimento económico e social.

Que as comemorações do V centenário da primeira viagem marítima da Europa para o oriente, e portanto, do começo da Era Moderna nos sirvam de motivo de reflexão e principalmente de base para acertarmos o rumo na direcção do mar, que o mesmo é dizer, da manutenção da nossa identidade e da nossa independência, que se há-de conseguir com trabalho profundo e estrutural, como agora e tendência, e não apenas com manobras superficiais, como era costume em tempos idos.

É uma honra para Pedrógão Grande, a realização de tão importante acto nesta terra, não porque se trate de uma grande urbe - tão só um pobre concelho do interior centro do nosso país, com mais de oitocentos séculos de história, que vem lutando em todos os campos, por um desenvolvimento equilibrado e que aposta nas suas capacidades históricas, culturais, turísticas e humanas para vencer os desafios da vida e inverter o ciclo que tem vivido.

Tal como a viagem de Vasco da Gama à Índia, marcou o início de uma Era Histórica, com repercussões profundas na evolução de todo o mundo e não apenas do nosso país - não só abriu o caminho a expansão europeia para o Oriente e para África mas também abriu a Europa às influências de todos os povos que então foi possível contactar - esperamos que esta data seja um marco na vida de Pedrógão Grande e da região em que se insere, projectando-a para um futuro mais profícuo, em que os seus naturais encontrem melhores condições para viver.

Antes de terminar, uma palavra de agradecimento às pessoas e identidades promotoras da iniciativa, e a todos quantos colaboraram neste processo.

Agradecendo a presença de todas V. Exas. e em especial do Sr. Governador Civil do distrito de Leiria, que de imediato acedeu ao meu convite, termino renovando os meus votos sinceros para que se sintam bem entre nós e que o regresso às vossas casas se faça sem anomalias.

BEM HAJAM.

Palavras do Almirante Antonio Sousa Leitão Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa



A Sociedade de Geografia de Lisboa ao ser parte da Fundação Vasco da Gama, concede nesta antiga e nobre Vila de Pedrógão Grande, pretende contribuir para a comemoração de dois acontecimentos notáveis, de enorme relevância para Portugal e também para todo o Mundo, que foram a Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, em 1498 e o Achatamento do Brasil, em 1500.

Por um lado a ligação por mar entre a Europa e a Índia, constituiu uma profunda alteração em vários domínios, dos quais destaque o militar, o económico e o cultural, alteração que foi de facto o encerrar da Idade Média e o início da Era Moderna.

Por outro lado a chegada oficial ao Brasil, só possível depois da assinatura do Tratado de Tordesilhas e do sucesso da viagem de Vasco da Gama, abre para Portugal um necessário ponto de apoio para as viagens ao Oriente quando por erro ou má fortuna falhasse a bem estudada volta do mar, e ainda as ricas terras de Vera Cruz onde hoje floresce a maior Nação do planeta que fala e sente em português.

Em 1898 a Sociedade de Geografia, ainda na ressaca do Ultimatum de 1890, assume com outras grandes instituições nacionais, as comemorações do quarto Centenário da gloriosa epopeia de Vasco da Gama. Estava assim identificada com o espírito dos seus fundadores, expresso nos objectivos estatutários, espírito científico e patriótico que levam a organização das expedições através da África Austral de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Serpa Pinto, a defesa dos interesses de Portugal em Bruxelas e Berlim em que resalta a figura de Luciano Cor-

dades e defeitos que tal implica, e também o propósito de exaltarmos os acontecimentos e as personagens ilustres que nos dão exemplo para honrarmos e defendermos a nossa pátria.

Existe uma Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, cujos objectivos e realizações justamente conhecemos.

Existe um Comissariado para a Exposição Internacional de Lisboa em 1998 cujos temas são os Oceanos, os mesmos sulcados pelos nossos navegadores e salgados pelas lágrimas dos familiares e amigos dos que lá morreram, comissariado de que tanto se espera.

Existem várias e prestigiosas Instituições e Associações que, de uma forma ou outra, vão celebrar as viagens que tornaram famosos Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.

Porque, então, a necessidade de criar esta fundação Vasco da Gama?

Fundamentalmente para possibilitar a construção de réplicas das naus S. Rafael, S. Gabriel e do Berrio, naturalmente adaptadas aos actuais requisitos de segurança e de navegabilidade, para permitir o treino das guarnições, e em 20 de Maio de 1998 fundear em Calecut, 500 anos depois de o ter feito a Armada de Vasco da Gama.

E também, para em 22 de Abril do ano 2000, ao pôr do sol, fundear na foz do agora chamado rio frade, cerca de 230 milhas a sul de S. Salvador da Baía, em comemoração da viagem de Pedro Álvares de Cabral até à terra de Santa Cruz.

Esta iniciativa tem a ver com o exemplo que nos deram a Apovela e a Comunidade Portuguesa da África do Sul, quando fizeram construir uma caravela, réplica daquela em que navegou Bartolomeu Dias, para comemorar em 1988 o feito extraordinário desse navegador ao dobrar o Cabo das Tormentas, entrando no Oceano Índico.

Está claro nas motivações de todos os que se quiseram associar nesta FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA o objectivo prioritário de criar condições para, através dessas naus de hoje, mostrar aos portugueses e aos amigos espalhados pelo Mundo que o período dos Descobrimentos foi a grande viragem da História em que os Oceanos deixaram de ser um obstáculo intransponível entre a Europa e os outros Continentes e terras longínquas, para passar a ser vias de transporte, de comércio e de encontro de culturas.

Dá a preocupação de todos os intervenientes nesta Fundação em salientar os aspectos de colaboração e de contribuição, numa afirmação voluntarista de objectivo a atingir, num ambiente em que não existe nem pode existir qualquer ideia de competitividade na sua realização, que é essencialmente patriótica.

E o que temos a fazer, e o dever que temos a cumprir, para sermos merecedores dos feitos e dos heróis que agora queremos honrar.

Antonio de Sousa Leitão
Almirante

PALAVRAS DE MONSENHOR DR. LEAL PEDROSA, VIGÁRIO GERAL DA DIOCESE DE COIMBRA

MUDAR OS VALORES PARA MUDAR A VIDA

Encontramo-nos reunidos, nesta vila de Pedrógão Grande, e neste dia, para recordar e enaltecer a memória e feitos de um dos nossos maiores, que mereceu ficar nos corações dos portugueses e no coração da história universal. Refiro-me a Vasco da Gama e às suas viagens de descoberta do Caminho Marítimo para a Índia e para o Brasil.

Quinhentos anos são volvidos sobre tal gesta histórica, bem merecedora da nossa memória, reconhecimento e admiração. Foram homens valorosos e da estatura humana e moral de Vasco da Gama que, dando novos mundos ao mundo, como lembra o nosso épico, tornaram maior Portugal e mais conhecida a pátria lusitana.

Lembrar, agora, a descoberta da Índia e das terras de Vera Cruz, com os feitos heróicos que a acompanharam e, ao mesmo tempo, prestar justa homenagem à natureza dos seus ideais e carácter e a vontade indomita que colocaram ao serviço dos mesmos. Não fossem os valores desses ideais e a coragem dessa vontade não estaríamos aqui a celebrar uma das maiores epopeias da nossa história e da história do Mundo. Só um superior ideal de serviço a Deus e à pátria tornou possível arrostar com tantas dificuldades e perigos e dispôr-se a que a própria vida pudesse selar o ideal escolhido.

Por isso, tornar presente a memória de Vasco Gama, quinhentos anos depois da partida para a viagem da descoberta da Índia, e renovar um acto de reconhecimento pelo conjunto de valores humanos, morais e patrios que o herói navegador cultivou em toda a sua vida.

É que os grandes feitos, como os de Vasco da Gama, não são fruto do acaso mas o resultado de uma vida e vontade determinadas e pacientemente educadas e colocadas ao serviço de ideias que transcendem os meros interesses pessoais ou familiares. O sonho de cruzar mares desconhecidos e descobrir novas terras valeu mais que todo o resto. Vasco da Gama como tantos heróis da nossa história, soube compreender que a vida só tem sentido e alcança dignidade, quando e colocada ao serviço do homem e de causas maiores como o bem da pátria.

Nesta linha de pensamento, sou levado a aproveitar esta circunstância para fazer uma breve reflexão sobre a sociedade e juventude de hoje, em ordem a acentuar os valores que as impregnam, tentando, por fim, acentuar alguns valores que devem garantir um futuro melhor quer à sociedade em geral quer à juventude de modo particular.

Diante da actual crise da sociedade, volta a falar-se já, com certa frequência, na necessidade de valores.

Os valores morais e espirituais em que assentava a nossa sociedade ocidental foram-se perdendo a pouco e pouco a favor de uma proclamada e mal entendida liberdade que pôs em risco a consistência da própria sociedade e a segurança do homem.

A cultura actual criou uns modelos de compreensão e umas formas de viver não só distintas



mas, por vezes, contrárias às formas tradicionais da civilização ocidental.

Os valores morais, tantos deles inspirados na palavra do Evangelho, deram lugar a novos valores ou pseudo-valores em que o interesse pessoal passou a ocupar o primeiro lugar e a ditar as restantes regras de conduta.

Conseguir dinheiro, seja de que maneira for, para usufruir de facilidades, poder e prazer, tornou-se, um ideal proclamado e seguido por largas camadas da nossa sociedade. Deste novo ideal de vida resultaram o consumismo desenfreado, o egoísmo, o afã de lucro, a cultura do prazer imediato e fácil.

De algum modo, a nossa civilização marcadamente técnica, substituiu o que é lícito fazer por aquilo que é possível e proveitoso fazer. Ou seja, baniram-se as normas éticas e morais diante das possibilidades que a técnica e a vida de hoje possam oferecer ao homem.

O homem actual já não se interroga ou interroga-se muito menos sobre se é ou não lícito proceder desta ou daquela maneira, para se contentar em saber se o que deseja é possível fazer-se ao alcançar-se. Considerando-se o princípio e o fim de todas as coisas, tornou-se a norma da verdade e do bem, julgando verdade ou bem aquilo que possa servir os seus interesses pessoais ou os interesses do seu grupo.

Esqueceu-se que é um ser indigente, necessitado, com graves limitações na sua natureza.

Não sendo senhor absoluto, mas ser limitado e com os pés de barro, não pode converter em norma segura a sua própria vontade. Por isso mesmo, quando pretendeu tronar-se um senhor absoluto deste mundo, as consequências foram catastróficas, como nos lembram, margamente, acontecimentos ainda recentes.

Talvez por isso mesmo alguns homens de hoje e, concretamente os jovens, já se vão apercebendo que é necessário procurar formas distintas de pensar e viver, que é necessário recuperar alguns valores e normas que se haviam esquecido ou desprezados, que é necessário permitir uma abertura ao transcendente, ou seja a Deus, para que a vida humana não caia no vazio e perca o sentido.

Sem padrões morais ou éticos que definam a linha do bem e do mal, torna-se difícil combater individualismos exarcebados, que só se preocupa com o bem próprio, esquecendo ou comprometendo mesmo o bem alheio. A experiência mostra que não se

pode reivindicar, indefinidamente, valores de carácter individualista sem pôr em risco os direitos e a felicidade dos outros. O individualismo exagerado cria a infelicidade própria e uma espécie de desertificação espiritual e cultural. Por isso, torna-se necessário respeitar um quadro de valores que promovam e defendam não só a minha liberdade e a felicidade pessoal mas que tornem possível a liberdade e a felicidade dos outros. Urge, por isso, estabelecer uma relação correcta entre os meus direitos e os direitos dos outros, ou seja entre os direitos do indivíduo e os direitos da sociedade.

De tudo isto se conclui que é preciso mudar os valores para mudar a vida e mudar o homem para mudar a sociedade.

Em ordem a mudar o homem para poder mudar a vida, permito-mo enunciar alguns princípios que hão-de constituir metas a prosseguir todos os dias.

1. Ter ideias na vida que ultrapassem os horizontes limitados dos interesses pessoais ou de grupo, e que sejam capazes de mobilizar a vontade e de merecer a nossa dedicação e serviço.

2. Valorizar a própria pessoa, cultivando a inteligência, formando a vontade e educando os sentimentos de acordo com a dignidade, deveres e direitos da pessoa humana.

3. Crescer na capacidade de amar e servir o próximo, tentando vencer, cada dia, as barreiras do egoísmo e comodismo.

4. Educar o sentido da solidariedade, compartilhando o sofrimento e problemas dos outros e colaborando na sua solução, independentemente da raça, religião ou classe social.

5. Entregar-se com interesse e alma ao trabalho ou à tarefa que nos forem confiadas, conscientes de que se está a colaborar, também, do bem e felicidade dos outros.

6. Lutar incansavelmente pela justiça e paz, ainda à custa de incómodos e incompreensões.

7. Defender intransigentemente a verdade, não cedendo a preconceitos, pressões ou conveniências, e dispondo-se a suportar as consequências da mesma.

8. Viver em liberdade, fazendo opções na linha da verdade, justiça e amor, e rejeitando qualquer pressão ou manipulação que tente impedir a decisão esclarecida da própria consciência.

9. Manter a confiança em Deus, em nós próprios e no futuro, ainda que à nossa volta pareça não haver razões de esperança.

10. Acreditar firmemente em Deus, sabendo que ele é capaz de superar todas as nossas limitações e possibilidades e de nos amar, mesmo quando falharmos ou não somos amados pelos outros.

O esforço colocado na prossecução destas metas ajudar-nos-á a cruzar, também, novos mares e a descobrir novas terras, em nós próprios e nos outros, à semelhança do que fizeram, no passado, os nossos maiores navegadores, como Vasco da Gama, que hoje recordamos.

ALOCUÇÃO DE UMA JOVEM PEDROGUENSE

Hoje é um dia em grande, porque nasceu a FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA, que é a primeira Fundação que há na nossa terra, mas o Vasco da Gama não era de cá, parece que era Alentejano.

Vai ser muito Bom, porque vão construir os barcos iguaizinhos àqueles com que o Vasco da Gama foi da primeira vez à Índia, e não foi só ele, porque os outros que iam com ele também nunca lá tinham estado, nem nunca tinha lá ido ninguém da CEE, e depois do Vasco da Gama, já lá vai o maralhal todo.



RITA

Depois, toda a malta jovem do país poderá visitar esses barcos, como também nós já fomos visitar a Caravela Boa Esperança, que era do infante D. Henrique e é muito gira e a viagem também foi muito gira. Aprendemos lá muita coisa e também iremos aprender quando a Nau S. Gabriel...ou S. Rafael, ou lá o que é, for construída.

Mas eu vinha aqui falar doutra coisa, duma coisa que todos os jovens vão curtir e também vai ser feita pela nossa Fundação.

É do projecto "Descobrir o Mar", que a FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA e mais a Aporvela e mais uma data de organizações vão lançar, para nós aprendermos coisas sobre a nossa terra, os nossos rios e o nosso mar e fazermos nós muitas coisas giras e descobriremos o mar, e descobriremos o que nós queremos ser quando formos grandes.

Por isso, vim aqui para dizer aos jovens que estejam com atenção às vossas Escolas porque vai lá aparecer "O Caminho", que é jornal da Fundação e que vai trazer boas notícias para a gente.

Obrigada.

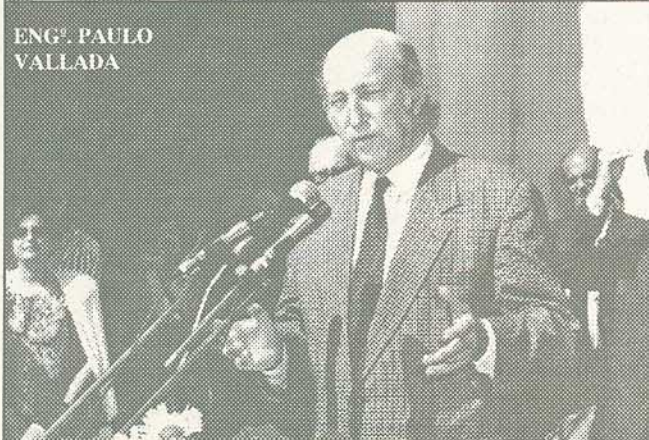
ALBUM FOTOGRÁFICO



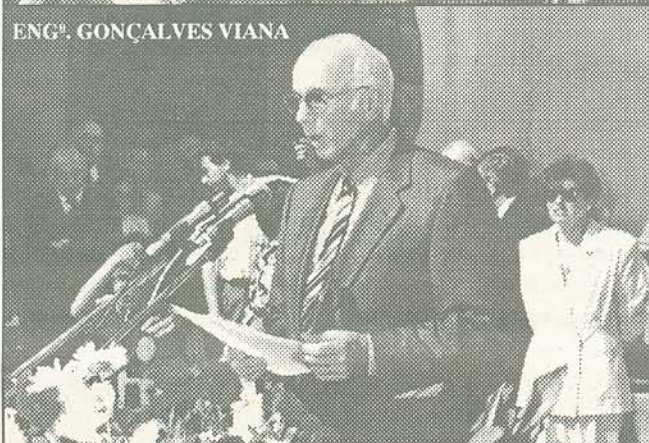
A NOTÁRIA
DR.ª ZULMIRA SILVA



ENG.º PAULO
VALLADA



ENG.º GONÇALVES VIANA



ENG.º MAGALHÃES
CRESPINO



CARLOS GOES,
PRESIDENTE DA
CÂMARA DA
VIDIGUEIRA

A CARAVELA "BOA ESPERANÇA"

A caravela "BOA ESPERANÇA" é uma réplica oceânica utilizada nas viagens marítimas dos Descobrimentos Portugueses. Foi concebida e construída por especialistas de construção naval com base na iconografia do séc. XV, única documentação existente das caravelas desse tempo. trata-se de uma réplica tão exacta quanto possível, reproduzindo as caravelas dos descobrimentos mas construída segundo os conhecimentos científicos e regras de construção naval da actualidade de modo a satisfazer os modernos requisitos de segurança e de habitabilidade. Destina-se a possibilitar o treino de mar aos jovens, proporcionando-lhes o estudo do comportamento náutico e a prática de marinharia e da náutica das caravelas dos Descobrimentos. A "BOA ESPERANÇA" desde que foi lançada à água em 1990 já visitou Bruges, antiga feitoria portuguesa na Bélgica, Génova, na Itália, e participou na Grande Regata comemorativa, em 1992, da chegada de Cristóvão Colombo à América, sempre com jovens tripulações voluntárias. Já percorreu, assim, perto de 20.000 milhas. Na prossecução deste objectivos, a Associação Portuguesa de Treino de Vela - APORVELA está a realizar este ano, na sequência da ex-

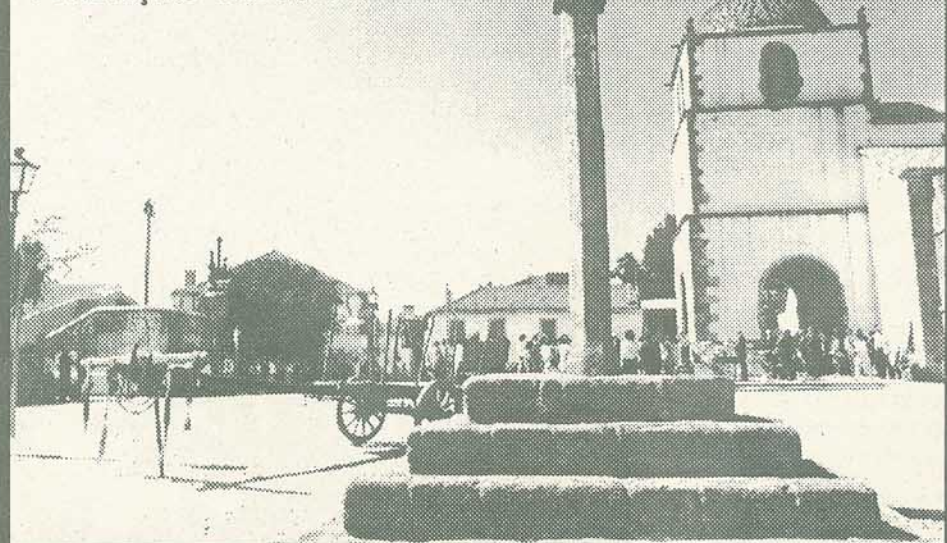


Por Eng.º Guimarães Lobato

periência anterior, um vasto programa de visitas escolares à "BOA ESPERANÇA". Prevê-se que a caravela seja visitada por grupos de alunos das escolas aos quais são apresentadas as bases do período inicial dos Descobrimentos Portugueses e da náutica e marinharia das caravelas. De acordo com este contexto, já visitaram e ainda visitarão a "BOA ESPERANÇA" dezenas de milhares de alunos de todo o País, não só em Lisboa mas nos sucessivos portos do Continente. É assim que nos meses de Julho e Agosto de 1993, a caravela "BOA ESPERANÇA" irá visitar sucessivamente Porto Santo, Funchal, Ponta Delgada, Angra e Horta, seguindo depois para Viana do Castelo, Porto

e Gaia, tendo já visitado Portimão e Setúbal, para o prosseguimento do programa de iniciação à história dos descobrimentos marítimos e de introdução à marinharia das caravelas. Em boa hora foi instituída a Fundação Vasco da Gama para, em plena colaboração com a APORVELA, promover na juventude das escolas o interesse pelos descobrimentos portugueses e a história de Portugal de tão grandes tradições marítimas. Esse interesse apoiará simultaneamente a realização, efectiva e condigna, das comemorações no mar das viagens de Vasco da Gama (descobrimto do caminho marítimo para a Índia) e de Pedro Álvares Cabral (chegada ao Brasil).

Igreja Matriz de Pedrógão Grande,
palco da cerimónia de
apresentação da
FUNDAÇÃO VASCO DA GAMA



Continuação da pág. I

(RE)DESCOBRIR O MAR

o conhecimento revelado nos nossos manuais escolares - aquelas "coisas" que ensinam a nossa História a todos os portugueses - da cultura judaica peninsular, da cultura árabe peninsular e até da cultura cigana?

Por que não "aproveitar", realmente, todas as investigações já realizadas, embora escassas, sobre essas culturas, que se encontram fechadas no limitado mundo académico, para vivificar o conhecimento de todos os portugueses sobre essa época? Parece que essa tarefa se impõe cada vez mais, até porque se, de facto, repudiamos a "cristalização", é porque acreditamos que pode haver uma História Total, em que os "possíveis", isto é, aquilo que podia ter sido ou aconte-

cido e não foi, por exemplo, um maior aproveitamento e aceitação do contributo judaico ou árabe, seguramente teria levado os portugueses a traçar "outra" História. Saber quais as "oportunidades perdidas" no espaço português de antanho, mas também conhecer as civilizações que "tocámos" - a ameríndia, a africana, a indiana, a chinesa, a timorense ... certamente teríamos engrossado o "caudal" das oportunidades perdidas, pelas originalidades das outras civilizações, pelos "outros" esquemas de pensamento mais dialécticos e interactivos - o "yin" e o "yan" - mais libertos da excessiva racionalização, geometralização de raiz euclidiana que caracterizava e ainda caracteriza o Ocidente.

Para os jovens, o século XXI está ali "ao virar da esquina", o futuro é já o presente. Mas para que o

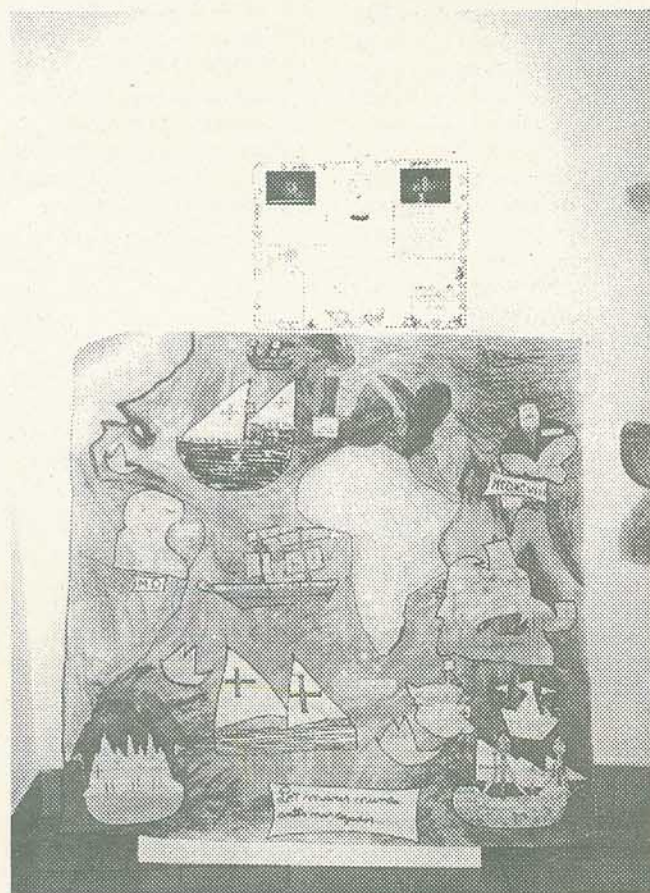
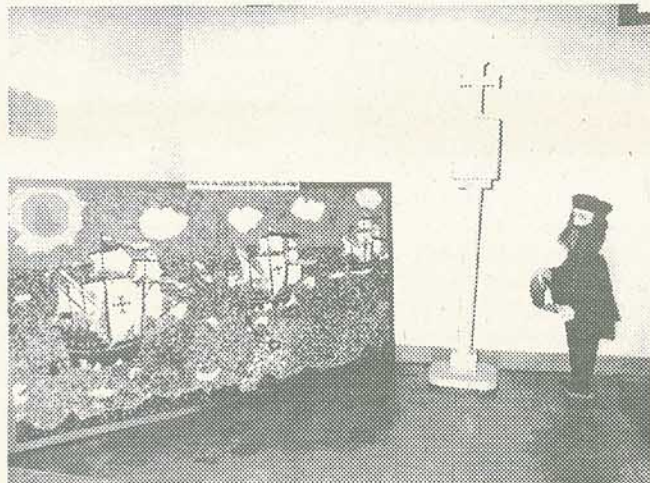
seja realmente, há que se "descobrir" aqui e agora uma "outra" consciência sobre o passado para desfatalizar o futuro.

Pensar e "descobrir" o futuro é tarefa que se impõe, quando se pretende que este nosso rincão encontre um desenvolvimento equilibrado em que não sejamos espoliados, para que se encontre também uma outra consciência relativamente aos outros espaços que "tocámos", a fim de que eles sejam igualmente "nossa referência", uma outra postura entre culturas, para que a nossa identidade cultural seja expansiva e inclusiva, para que se relativize a nossa concepção do Ocidente.

Só a descoberta de uma "outra" História poderá dar lugar a um futuro com futuro.

Dr.ª Maria Cândida Hespanha

TRABALHOS DE ALUNOS DE PEDRÓGÃO GRANDE



FOTOS DESTE SUPLEMENTO: VICTOR FERNANDES (FOTO INEMA)

Vamos descobrir o Mar

Mar, desejo de criança
Alimenta nossa esperança
Nos abraça e nos embala.
Mar de força em sua essência
Nos atrai em permanência
E a todos nos avassala.

Um dia o mar foi sulcado.
Foi caminho então traçado
Num contínuo desafio.
Por muitos foi percorrido
Algumas vezes foi ferido
E o mundo se descobriu.

Mar desejado e temido
Mar,, caminho construído
Alimenta e desafia
A nossa imaginação.
O mar também repudia
Mas logo nos acaricia
Em eterna contradição.

Mas foi o mar descoberto?
Conhecido de verdade?
Foi esse mar desvendado?
Quem descobriu sua essência?
Sua eterna ambivalência?
Que segredo bem guardado?

Aos Jovens Compete agora
Responder a esse mar
Que em português nos falou
Descobri-lo, conhecê-lo
Merecer a confiança
Que ele em nós depositou.

Vamos descobrir o mar
Com ele comunicar
Desvendar-lhe a identidade.
Vamos descobrir o mar
Com ele dialogar
Conhecê-lo de verdade.

Dr.ª Manuela Sá Borrhalho Neves